



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



José de Alencar
Verso e reverso



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Verso e reverso
José de Alencar

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Peça escrita no ano de 1857.

Livro Digital nº 860 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

José Martiniano de Alencar

(1829 - 1877)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

VERSO E REVERSO

COMÉDIA EM DOIS ATOS



Representada pela primeira vez no Teatro do Ginásio, do Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1857.

A ***

Uma noite vi-a no Ginásio; representava-se uma comédia um pouco livre.

Veio-me o desejo de fazê-la sorrir sem obrigá-la a corar. Conservei algum tempo essa impressão fugitiva; um dia ela correu aos bicos da pena, e cristalizou-se.

Escrevi a minha primeira comédia, “O Rio de Janeiro Verso e Reverso”; logo depois “O Demônio Familiar”, e ultimamente “O Crédito” que deve representar-se breve.

Se algum dia pois eu for um autor dramático deverei unicamente àquela boa inspiração; a glória e os aplausos que o público, de generoso, quiser dar a essas pobres produções de minha inteligência, lhe pertencem.

A flor não se abriria se o raio de sol não a aquecesse e animasse.

J. de Alencar

PERSONAGENS:

ERNESTO (estudante de São Paulo)

TEIXEIRA (capitalista tio de Ernesto)

AUGUSTO (zangão da praça)

CUSTÓDIO (empregado aposentado)

PEREIRA (poeta conhecido de)

HENRIQUE (moço elegante)

FILIPE (cambista de loterias)

JÚLIA (filha de Teixeira)

BRAGA (caixeiro de loja)

D. LUÍSA (viúva de idade)

D. MARIANA (parenta de Teixeira)

UM CAIXEIRO DE LOJA

UM MENINO QUE VENDE FÓSFOROS

UMA MENINA DE REALEJO.

A cena é na cidade do Rio de Janeiro e contemporânea. O primeiro quadro passa-se em uma loja da Rua do Ouvidor nos fins de novembro. O segundo na casa de Teixeira nas Laranjeiras (em princípio de março). Uma loja da Rua do Ouvidor (montada com luxo e no gosto francês).

ATO I

Uma loja da rua do Ouvidor.

CENA I

Ernesto, Braga, depois um menino que vende fósforos.

ERNESTO (*entrando de um salto*)

Apre! É insuportável! Não se pode viver em semelhante cidade; está um homem sujeito a ser empurrado por todos esses meus senhores, e esmagado a cada momento por quanto carro, carroça, carreta ou carrinho anda nestas ruas. Com efeito é uma família... Desde o ônibus, o Noé dos veículos, até o *coupé* aristocrático e o tálburi plebeu!

BRAGA (*dobrando as fazendas*)

É porque o senhor ainda não está habituado.

O MENINO (*entrando e dirigindo-se a Ernesto*)

Fósforos! Fósforos! Inalteráveis e superiores!... (*A Braga*) Fósforos Sr. Braga.

ERNESTO

Deixe-me, menino!

O MENINO

Excelentes fósforos de cera a vintém!

ERNESTO (*a Braga*)

Oh! que maçada! Deixe-me! (*O Menino sai*) Esta gente toma-me naturalmente por algum acendedor de lampiões; entendem que eu vim ao Rio de Janeiro unicamente para comprar fósforos. Já não me admira que haja aqui tantos incêndios. (*Senta-se junto do balcão; uma pausa*) Como as coisas mudam vistas de perto! Quando estava em São Paulo o meu sonho dourado era ver o Rio de Janeiro, esse paraíso terrestre, essa maravilha de luxo, de riqueza e de elegância! Depois de três anos de esperanças consigo enfim realizar o meu desejo: dão-se as férias, embarco, chego e sofro uma das mais tristes decepções da minha vida. Há oito dias apenas que estou na corte e já tenho saudades de São Paulo. (*Ergue-se*)

BRAGA

O senhor não escolhe alguma coisa? Presentes para festas, o que há de mais delicado; perfumarias...

ERNESTO (*voltando-lhe as costas*)

Obrigado!

CENA II

Os mesmos, Filipe.

FILIPE (*entrando, a Ernesto*)

Vinte contos, meu caro senhor! Anda amanhã a roda!... Vinte contos!

ERNESTO

Agradeço; não estou disposto.

BRAGA

Oh! Sr. Filipe!

FILIPE

Quer um bilhete, um meio ou um quarto? Vigésimos... Também temos.

ERNESTO (*passeando*)

Nada; não quero nada.

FILIPE

Bom número este; premiado três vezes! Mas se prefere este...

ERNESTO

Já lhe disse que não preciso dos seus bilhetes.

FILIPE

Pois enjeita? A sorte grande? Olhe não se arrependa!

ERNESTO

A sorte grande que eu desejo é ver-me livre de sua pessoa!

FILIPE (*baixo a Braga*)

Malcriado!

BRAGA (*baixo a Filipe*)

É um provinciano!

(*Filipe sai*)

ERNESTO

Enfim! Estou livre deste! Que terra!... É uma perseguição constante.
(*Passeia*)

CENA III

Ernesto, Braga, Augusto.

AUGUSTO (*entrando*)

Oh! (*examinando Ernesto*) Será algum acionista?... Vejamos! Tratemos de entabular relações!

ERNESTO (*tira o relógio*)

Já duas horas! Uma manhã inteiramente perdida.

AUGUSTO (*cumprimentando*)

O senhor faz-me o obséquo de dizer que horas são?

ERNESTO

Como?

AUGUSTO

Que horas tem no seu relógio?

ERNESTO

Ah! desculpe; está parado. (*Baixo a Braga*) É o que faltava!... servir de torre de igreja aqui ao senhor.

AUGUSTO (*a Braga*)

Decididamente é acionista! Que diz? Tem-me ares de lavrador; são pelo menos vinte ações. Justamente as que me faltam para completar as cem que vendi. A dez mil-réis de prêmio... (*Corre atrás de um homem que passa no fundo da loja*) Olá sio!... Aquelas trinta não quer vender?... Dou-lhe sete!...

ERNESTO (*a Braga*)

Que extravagante! Vê-se cada figura neste Rio de Janeiro! (*Senta-se e tira um charuto*) Ora deixe-me experimentar um dos tais fósforos de cera. (*Acende o charuto*)

BRAGA

Aí vem o homem outra vez. (*Ri-se*)

AUGUSTO (*voltando*)

O senhor faz-me obséquio do seu fogo?

ERNESTO (*a Braga*)

Ainda! Isto não tem jeito.

AUGUSTO (*tomando o charuto*)

Com licença! Creio que não me enganei; o senhor é um dos contemplados; trinta pelo menos...

ERNESTO (*a Braga*)

Estou quase oferecendo-lhe uma caixa de fósforos.

AUGUSTO (*dando o charuto*)

Obrigado! Volto para a Praça que está hoje animada.

ERNESTO

Estimo muito.

AUGUSTO

Se quer vender as suas ações, não perca a ocasião.

ERNESTO

Vender as minhas ações?

AUGUSTO

Sim, senhor; acredite no que lhe digo; não valem mais do que cinco mil-réis e já são bem pagas.

ERNESTO

O senhor quer brincar naturalmente!

AUGUSTO

Não brinco em negócio. Para encurtar razões dou-lhe seis mil-réis. Quer? Aqui estão. Quantas tem?

ERNESTO (*a Braga*)

Deste gênero ainda não tinha encontrado! É pior do que os tais cambistas de loterias. (*Passeia*)

AUGUSTO

Então que decide?

ERNESTO

Nada, senhor.

AUGUSTO

Acha pouco? Tenho mais baratas; porém para concluir dou-lhe seis e quinhentos... Sete pagando a corretagem.

ERNESTO (*contrariado*)

Pelo que, senhor?... Disse-lhe que desejava vender alguma coisa para que o senhor esteja a maçar-me há meia hora, oferecendo-me preços?

AUGUSTO

Não me disse; mas eu adivinhei. Nós cá, homens habilitados ao negócio, não precisamos que nos digam as coisas. Apenas o vi, descobri logo que era acionista...

ERNESTO

O quê? Acionista?

AUGUSTO

Sim; que tinha sido contemplado na distribuição das ações da Estrada de Ferro, na qualidade de lavrador naturalmente; por isso ofereço-lhe os meus serviços.

ERNESTO

E o que é o senhor?

AUGUSTO

Corretor de fundos e mercadorias; incumbo-me de todas as transações de crédito e câmbio, como saques, descontos.

ERNESTO

Pois, meu senhor, sinto dizer-lhe que nem sou acionista, nem fui contemplado em distribuição de coisa alguma.

AUGUSTO

Deveras?

ERNESTO

Dou-lhe minha palavra.

AUGUSTO

Basta; às suas ordens. (*A Braga*) Levei um logro! uma transação magnífica! Também não sei onde estava com a cabeça! Devia ver logo que este sujeitinho não tem a cara respeitável de um acionista! (*Vai sair pelo fundo*)

ERNESTO (*a Braga*)

Que diabo de profissão é a que exerce este buscapé vestido de paletó?

BRAGA

Creio que é um corretor.

ERNESTO

Fico-o conhecendo.

(*Augusto saindo, encontra Custódio que entra*)

CENA IV

Os mesmos, Custódio.

CUSTÓDIO (*cumprimentando Augusto*)

Passou bem, Sr. Augusto? Que há de novo?...

AUGUSTO (*rápido*)

Câmbio 27 ½; juros 9 e 10%; cotação oficial. Ações — vendas animadas; Estradas de Ferro, dez, bastante procuradas. Tem Estrada de Ferro?...

CUSTÓDIO

Dizem que o ministério não está seguro?...

AUGUSTO (*rápido*)

Seguro monstro — estacionário. Banco do Brasil — 102; hipotecário 205 — mercado regular, poucas vendas. Mangaratiba — frouxo; Paquetes e Gás — oscilam; Rua do Cano — baixa completa, desconto.

CUSTÓDIO

Então não diz nada a respeito da política?

AUGUSTO

Digo que tome o meu conselho; Estrada de Ferro, Estrada de Ferro, e largue o mais. Adeus; vou concluir uma operação importante. (*Sai*)

ERNESTO (*a Braga*)

Eis como se diverte um homem aqui na corte, olhando para o tempo e sofrendo as maçadas de todos estes importunos! Oh! Os senhores folhetinistas com os seus contos de mil e uma noites são os culpados do que me acontece! Quem os lê e quem vê a realidade!

(Custódio dá um passeio pela loja e dirige-se a Ernesto; Braga vai ao fundo)

CENA V

Ernesto, Custódio.

CUSTÓDIO

Muito bom dia?

(Apertam as mãos)

ERNESTO

Viva, senhor! *(A Braga)*

Eis um sujeito que me conhece, mas que naturalmente nunca me viu.

CUSTÓDIO

Que há de novo?

ERNESTO

E esta? O senhor não leu os jornais?

CUSTÓDIO

Passei apenas os olhos... *(Senta-se)*

ERNESTO

Pois eu nem isto. *(A Braga)* Pensa este senhor que sou algum almanaque de notícias? Achou-me com cara de boletim?

CUSTÓDIO

Que calor que está fazendo. Creio que teremos mudança de tempo. O senhor não acha?

ERNESTO

Vou ver, depois lhe direi.

(Vai sair, encontra-se com Henrique que entra)

CENA VI

Os mesmos, Henrique.

HENRIQUE

Ernesto! Oh! Quando chegaste?

ERNESTO

Adeus; como vais, Henrique?

HENRIQUE

Perfeitamente, e tu? Alegro-me muito em ver-te por aqui.

ERNESTO

Não esperava ter o prazer de te encontrar.

HENRIQUE

Desembarcaste hoje mesmo?

ERNESTO

Não; há oito dias.

HENRIQUE

Como deixaste São Paulo?

ERNESTO

No mesmo estado.

HENRIQUE

É verdade; aproveito a ocasião para pedir-te um pequeno obséquo.

ERNESTO

Estou às tuas ordens.

HENRIQUE

Chegaste há pouco, e naturalmente deves ter curiosidade de ver os nossos teatros; aceita este bilhete, é do benefício de um hábil artista.

ERNESTO (*com ironia*)

Ora, meu amigo, és tu que me fazes o obséquo: obrigadíssimo.

HENRIQUE

Onde estás morando?

ERNESTO

No Hotel de Botafogo.

HENRIQUE

Sei; adeus. Havemos de nos ver.

ERNESTO

Sim; quando quiseres.

HENRIQUE (*saindo, passa por Custódio*)

Tem passado bem, Sr. Custódio?

CUSTÓDIO (*levanta-se*)

Bem, obrigado. Que há de novo?

HENRIQUE

Quer ficar com um bilhete do benefício de...

CUSTÓDIO

Nada. Há vinte anos não frequento os espetáculos; no meu tempo...

HENRIQUE (*rindo-se*)

Frequentava o teatrinho de bonecos! (*Sai*)

CUSTÓDIO

Criançola!

CENA VII

Ernesto, Custódio.

ERNESTO (*mostrando o cartão*)

Mais uma bucha!

CUSTÓDIO

Pois caiu?

ERNESTO

Está me parecendo que esta gente não faz outra coisa desde o princípio até o fim do ano senão beneficiar se mutuamente; mas beneficiar-se desta maneira! Proudhomme que definiu a propriedade um roubo legitimado pela lei se viesse ao Rio de Janeiro, não podia deixar de definir o benefício um estelionato legitimado pela sociedade. A pretexto de teatro e de baile um amigo abusa da nossa confiança e nos toma cinco ou dez mil-réis contra a nossa vontade.

CUSTÓDIO

Pensa muito bem! O governo é o culpado...

ERNESTO

Dos benefícios?

CUSTÓDIO

De tudo!

(Entram Henrique e Pereira)

CENA VIII

Os mesmos, Henrique, Pereira.

HENRIQUE

Meu amigo, desculpa; não pude deixar de voltar para ter o prazer de apresentar-te o Sr. Pereira, um dos nossos poetas mais distintos.

PEREIRA

É bondade de meu amigo!

CUSTÓDIO *(a meia voz)*

Que firma!

ERNESTO

Ah! O senhor é poeta! Estimo muito conhecê-lo: tenho uma grande simpatia pelos poetas, embora na minha vida nunca conseguisse fazer um verso.

PEREIRA

Isto não quer dizer nada; Chateaubriand é um grande poeta e escreveu em prosa.

HENRIQUE

Meu amigo, nós não queremos tomar-te o tempo. O Sr. Pereira vai publicar um volume de suas primeiras poesias e espera que tu, que és amante da literatura, protejas essa publicação.

ERNESTO

Tu pedes, Henrique, não posso recusar.

PEREIRA

Submeto à consideração de vossa senhoria o programa da assinatura. Um belo volume in-8º francês, de cem páginas, 5\$000 no ato da entrega. Não exijo adiantado.

ERNESTO

Mas não há necessidade de demorar uma coisa que pode ficar concluída. (*Tira a carteira*)

PEREIRA

Vossa senhoria ordena...

HENRIQUE

Tomas duas assinaturas ou três?

ERNESTO

Uma basta, Henrique; sabes que a minha fortuna não está a par do meu gosto pela literatura.

PEREIRA

É sempre assim; os grandes talentos são ricos de inteligência, mas pobres desse vil objeto a que se chama dinheiro. (*Recebe a nota*)
Muito obrigado, senhor...

ERNESTO

Não tem de quê.

(*Entra D. Luísa*)

CENA IX

Os mesmos, D. Luísa.

D. LUÍSA

Perdão, meus senhores.; tenham a bondade de ler este papel.

HENRIQUE (*finje não ouvir*)

Até logo, Ernesto.

PEREIRA (*a Ernesto*)

Tive muito prazer em conhecer a vossa senhoria.

D. LUÍSA

Uma pobre viúva! Meu marido...

PEREIRA

Se puder servir-lhe para alguma coisa...

ERNESTO

Igualmente!

HENRIQUE (*a Pereira*)

Vamos; tenho pressa.

D. LUÍSA

Então, senhores! Qualquer coisa...

PEREIRA

Às suas ordens. (*Sai*)

D. LUÍSA

Não lê?

HENRIQUE

Adeus, adeus. (*Sai*)

CENA X

Ernesto, Custódio, D. Luísa.

ERNESTO (*a Custódio*)

Que papel será esse que aquela senhora pede com tanta instância para ler? Talvez alguma notícia importante?

CUSTÓDIO (*levantando-se*)

Com sua licença.

D. LUÍSA (*a Custódio, apresentando o papel*)

O senhor faz obséquio?...

CUSTÓDIO (*saindo*)

Esqueci os óculos em casa. (*Sai*)

CENA XI

Ernesto, D. Luísa, depois Braga

D. LUÍSA

Vossa senhoria ao menos me fará a caridade!

ERNESTO

Deixe ver. (*Abre o papel*) Ah! uma subscrição! Por isso é que os tais amigos se puseram todos ao fresco, fazendo-se desentendidos; um tinha pressa, o outro esqueceu os óculos. (*Fecha*) Desculpe, minha senhora; não posso dar nada; tenho feito muitas despesas.

D. LUÍSA

Pouco mesmo que seja; tudo serve. É para fazer o enterro do meu pobre marido que expirou esta noite e deixou-me ao desamparo com oito filhinhos...

ERNESTO

Pobre mulher! Para esta não há um benefício! Mas diga-me, seu marido nada possuía? A senhora não tem parentes?

D. LUÍSA

Nem um; não tenho ninguém de quem me valer. Acredite, senhor, que para chegar a este estado de recorrer à piedade dos que não me conhecem, foi preciso ver meus pobres filhinhos nus, e chorando de fome, os coitadinhos.

BRAGA (*dentro do balcão*)

Temos choradeira!

ERNESTO

Corta o coração, não acha? Torne, minha senhora; sinto não poder dar mais; porém não sou rico. (*Dá uma nota*)

D. LUÍSA (*Examinando a nota*)

Cinco mil-réis!... (*Olha Ernesto com ar de zombaria e sai*)

ERNESTO

E esta! Nem sequer um obrigado; julga que não lhe fiz favor?

BRAGA

Ora o senhor ainda deixa-se lograr por esta gente?

ERNESTO

E o senhor não viu? Por que não me avisou?

BRAGA

Não gosto de me intrometer nos negócios dos outros.

ERNESTO

Boa moral!... Oh! mas esta não aturo.

(Vai sair correndo e encontra-se com Teixeira, Júlia e D. Mariana que entram)

CENA XII

Ernesto, Teixeira, Júlia, D. Mariana, Braga.

ERNESTO

Ah!...

JÚLIA

Ernesto!

TEIXEIRA

Bom dia, sobrinho.

ERNESTO

Adeus, meu tio. D. Mariana... Como está, prima?

JÚLIA

Boa, obrigada.

ERNESTO

Anda passeando?

JÚLIA

Não; vim fazer algumas compras.

TEIXEIRA

Júlia, enquanto ficas vendo as fazendas com D. Mariana, vou à Praça e já volto.

JÚLIA

Sim, papai; mas não se demore.

TEIXEIRA

Um instante! (*Sai*)

BRAGA (*fora do balcão*)

O que deseja vossa excelência?

JÚLIA

Alguns cortes de *musselina* e *barege*.

BRAGA

Temos lindíssimos, do melhor gosto, chegados no pacote, da última moda; hão de agradar a vossa excelência; é fazenda superior.

JÚLIA

Pois deite-os lá dentro que já vou escolher.

BRAGA

Sim, senhora; vossa excelência há de ficar satisfeita. (*Sobe a cena com D. Mariana*)

ERNESTO

Como, prima! A senhora já tem excelência?

JÚLIA (*sorrindo*)

Aqui na corte todo o mundo tem, Ernesto. Não custa dinheiro.

ERNESTO

Entendo! Entendo! Mais esta singularidade para as minhas notas.

BRAGA (*dentro do balcão à D. Mariana*)

Sim, minha senhora; tenha a bondade de esperar um momento; já venho mostrar-lhe fazenda que há de agradar-lhe.

(Júlia senta-se)

CENA XIII

Ernesto, Júlia, D. Mariana, depois Braga.

JÚLIA

Diga-me, Ernesto, como tem achado o Rio de Janeiro?

ERNESTO

Quer que lhe confesse a verdade, Júlia?

JÚLIA

Decerto, primo; não há necessidade de encobrir. Já sei que não gostou?

ERNESTO

Ah! Se fosse só isso!

(D. Mariana desce)

JÚLIA

O que é mais então?

ERNESTO

Sinto declarar; mas o seu Rio de Janeiro é um verdadeiro inferno!

D. MARIANA

Com efeito, Sr. Ernesto!

JÚLIA

Não diga isto, primo.

ERNESTO

Digo e repito; um verdadeiro inferno.

JÚLIA

Mas por quê?

ERNESTO

Eu lhe conto. Logo que cheguei, não vi, como já lhe disse, no aspecto geral da cidade, nada que me impressionasse. Muita casa, muita gente, muita lama; eis o que há de notável. Porém isto não é nada; de perto é mil vezes pior.

JÚLIA

E depois? Quando passeou?

ERNESTO

Quando passeei? Por ventura passeia-se no Rio de Janeiro? O que chama a senhora passear? É andar um homem saltando na lama, como um passarinho, atropelado por uma infinidade de carros, e acotovelado por todo o mundo? É não ter um momento de sossego, e estar obrigado a resguardar os pés de uma carroça, o chapéu de um guarda-chuva, a camisa dos respingos de lama, e o ombro dos empurrões? Se é isto que a senhora chama passear, então sim, admite que se passeie no Rio de Janeiro; mas é preciso confessar que não são muito agradáveis esses passeios.

JÚLIA

Já vejo que o primo não gosta da sociedade; é mais amigo da solidão.

D. MARIANA (*no balcão vendo fazendas*)

Pois em um moço admira.

ERNESTO

Perdão, Júlia; gosto da sociedade; com ser estudante de São Paulo, não desejo passar por um roceiro. Mas quero estar na sociedade à minha vontade e não à vontade dos outros; quero divertir-me, olhar, observar; e não ser obrigado a responder a um sujeito que me pede

fogo, a outro que me pergunta o que há de novo, e a outro que deseja saber quantas horas são.

JÚLIA

E a Rua do Ouvidor? Que me diz? Não achou bonita? À noite sobretudo?

ERNESTO

Oh! não me fale na tal Rua do Ouvidor! Se o Rio de Janeiro é o inferno, a Rua do Ouvidor é o purgatório de um pobre estudante de São Paulo que vem passar as férias na corte.

JÚLIA

Não o compreendo, primo; e inteiramente o contrário do que me dizem todos.

D. MARIANA (*sempre no balcão*)

Decerto; não há quem não fique encantado!

ERNESTO

Pode ser, D. Mariana, não contesto; os gostos são diferentes, mas eu lhe digo os encantos que achei na Rua do Ouvidor. Apenas dei o primeiro passo, saltou-me um sujeito gritando a goelas despregadas "Fósforos! Fósforos inalteráveis e superiores! A vintém!" Para me ver livre do tal menino tive que trocar uma nota e comprar um embrulho de caixas de fósforos.

JÚLIA (*rindo*)

Mas para que comprou?

D. MARIANA

Não tinha necessidade...

ERNESTO

Queriam que andasse com aquele pajem de nova espécie a aturdir-me os ouvidos?... Porém não fica nisto; apenas vejo-me livre de um,

eis-me com outro: "Vigésimos, quartos, bilhetes, meios e inteiros! Sorte grande!" Lá se foram dez mil-réis.

JÚLIA

Ainda? Foi também para se ver livre?

ERNESTO

E porque estavam muitas pessoas que olhavam para mim, e não queria que me tornassem por um pobretão.

JÚLIA

Que ideia! Todos eles estão acostumados a isso, e não fazem caso.

ERNESTO

Ainda não acabei. Daí a pouco um benefício do ator tal, uma subscrição para isto, um cartão de baile das sociedades de beneficência de todas as nações do mundo. Enfim encontro um amigo que não me via há três anos, e o primeiro cumprimento que me dirigiu foi empurrar-me este bilhete e ainda em cima um volume de poesias que já paguei, mas que ainda não está impresso.

JÚLIA (*sorrindo*)

Abusam de sua boa-fé, meu primo. É natural; ainda não conhece os nossos costumes; mas no meio de tudo isso, não vejo razão para desgostar-se tanto do Rio de Janeiro.

ERNESTO

Pois eu vejo. Que quer dizer sair um homem de casa para divertir-se, e voltar com as algibeiras cheias (*tirando*) de caixas de fósforos, de programas de espetáculos, de bilhetes de todas as qualidades, e de todas as cores, menos do tesouro; e além de tudo com a carteira vazia? Não, a senhora pode achar muito boa a sua terra, mas eu não estou disposto a aturá-la por mais tempo.

JÚLIA

Que diz, primo?

ERNESTO

Vou-me embora; amanhã sai o vapor Josefina e eu aproveito.

JÚLIA

Deveras, Ernesto? Não é possível!

D. MARIANA

Não vê que está brincando?

ERNESTO

Palavra de honra! Tenho pressa de dizer adeus a esta terra dos fósforos, das loterias, e dos benefícios... Oh! dos benefícios sobretudo!...

JÚLIA

Escute, meu primo. Admito que essas primeiras impressões influam no seu espírito; que o Rio de Janeiro tenha realmente estes inconvenientes; mas vá passar um dia conosco nas Laranjeiras, e eu lhe mostrarei que em compensação há muitas belezas, muitos divertimentos que só na corte se podem gozar.

ERNESTO

Quais são eles? Os passeios dos arrabaldes? — Um banho de poeira e de suor. Os bailes? — Um suplício para os calos e um divertimento só para as modistas e os confeitores. O teatro lírico? — Uma excelente coleção de medalhas digna do museu. As moças?... Neste ponto bem vê que não posso ser franco, prima.

JÚLIA

Fale; não me importa. Tenho até curiosidade em saber o que pensa das moças do Rio. Fale!

ERNESTO

Pois bem; já que manda, dir-lhe-ei que isto de moça é espécie desconhecida aqui na corte.

JÚLIA

Como? Não sei o que quer dizer.

ERNESTO

Quero dizer que não há moças no Rio de Janeiro.

JÚLIA

E eu o que sou?

ERNESTO

Pior é esta! Não falo dos presentes.

JÚLIA

Bem; mas explique-se.

ERNESTO

No Rio de Janeiro, prima, há balões, crinolinas, chapéus à pastora, bonecas cheias de arames, tudo o que a senhora quiser; porém, moças, não; não posso admitir. Ignoro que haja no mundo uma degeneração da raça humana que tenha a cabeça mais larga do que os ombros; que carregue uma concha enorme como certos caramujos; que apresente enfim a forma de um cinco.

JÚLIA

De um cinco? Que esquisitice é esta?

ERNESTO

É a verdade. Olhe uma moça de perfil, e verá um cinco perfeito. O corpo é a haste fina, o balão é a volta, e o chapéu arrebitado é o corte. (*Apontando para o espelho fronteiro*) Olhe! Lá está um.

JÚLIA (*voltando-se*)

Aonde?

ERNESTO (*rindo-se*)

Ah! Perdão, prima, era a senhora.

JÚLIA

Obrigada pelo cumprimento! (*Senta-se*)

ERNESTO

Ficou zangada comigo, Júlia?

JÚLIA

Não; zangada, por quê?

ERNESTO

Cuidei.

(*Uma pausa*)

JÚLIA

À vista disto o primo não viu no Rio de Janeiro nada que lhe agradasse?

ERNESTO

Nada absolutamente, não; vi alguma coisa, mas...

JÚLIA

Mas... Acabe!

ERNESTO

O que me agrada é justamente o que não me persegue, o que me foge mesmo.

JÚLIA

Diga o que é?

ERNESTO

Não posso... Não devo...

JÚLIA

Ora quer fazer mistério.

ERNESTO

Pois bem; vai por sua conta; depois não se zangue. D. Mariana, faça que não ouve. São seus olhos, Júlia!

D. MARIANA

Hein!...

JÚLIA (*corando*)

Ah! Ernesto! Quer zombar de mim?

ERNESTO

Olhe que eu não sou cá do Rio de Janeiro.

JÚLIA

Não importa; mas é estudante.

ERNESTO

Boa maneira de lembrar-me a minha humilde posição.

JÚLIA

Primo, não interprete mal as minhas palavras.

ERNESTO

Oh! Não pense que desconfio, não! Sei que um estudante é um animal que não tem classificação social; pode ser tudo, mas ainda não é nada. É uma letra de câmbio que deve ser descontada pelo futuro, grande capitalista de sonhos e de esperanças. Ora as moças têm medo do futuro, que para elas quer dizer o cabelo branco, a ruga, o carmim, o pó de arroz, *et caetera*.

JÚLIA

Isto são as moças vaidosas que só vivem de frivolidades, e eu creio, meu primo, que o senhor não deve fazer esta ideia de mim; ao contrário...

BRAGA (*adianta-se entre os dois*)

Minha senhora, os cortes de vestidos estão às ordens de vossa excelência.

ERNESTO (*consigo*)
Maldito caixeiro!

JÚLIA
Já vou.

ERNESTO
Adeus, Júlia, lembranças a meu tio, D. Mariana...

JÚLIA
Venha cá, Ernesto, espere por papai.

ERNESTO
Não posso; adeus. (*Sai*)

CENA XIV

Júlia, D. Mariana.

JÚLIA
Não sei por que me interessa esse carácter original. Tenho-lhe amizade já, e apenas o vi há oito dias, e com esta a segunda vez.

D. MARIANA
Ouviu o que ele disse?... Seus olhos...

JÚLIA
Qual, D. Mariana, não creia. Cumprimentos de moço... Parte amanhã!...

D. MARIANA
Isto diz ele.

JÚLIA
Ora, deixe-me escolher os vestidos. Vamos!...

(Entram no interior da loja)

CENA XV

Filipe, D. Luísa.

D. LUÍSA

O senhor tenha a bondade de ler este papel.

FILIPE

Vejamos. *(Lê)* A senhora é viúva então?

D. LUÍSA

É verdade; perdi meu marido; estou na maior desgraça; nove filhinhos dos quais o maior não tem cinco anos.

FILIPE

Nesse caso nasceram de três meses como os cordeiros. Nove filhos em cinco anos!

D. LUÍSA

São gêmeos, senhor.

FILIPE

Ah! tem razão! Foi uma ninhadazinha de pintos.

D. LUÍSA

O senhor está zombando de mim? Se não fosse a dor de ver os pobrezinhos nus, chorando de fome, coitadinhos, não me animaria a recorrer à esmola das pessoas caridosas.

FILIPE

Fique certa que elas não deixarão de ampará-la nessa desgraça.

D. LUÍSA

E o senhor... pouco mesmo...

FILIPE

Eu, minha senhora, não posso ser insensível ao seu infortúnio; a senhora está justamente no caso de ser feliz. Não há desgraça que sempre dure. Só a sorte grande a pode salvar.

D. LUÍSA

Que diz, senhor?

FILIPE (*tirando os bilhetes*)

Um meio, um quarto, um vigésimo! Não perca esta ocasião; não rejeite a fortuna que a procura.

D. LUÍSA

Ora, senhor! Não se ria da desgraça do próximo.

FILIPE

Eu rir-me da desgraça dos outros! Eu que vivo dela!

D. LUÍSA

Estou quase aproveitando os cinco mil-réis de há pouco.

FILIPE

Vamos, resolva-se.

D. LUÍSA

Está bom! Sempre compro um quarto.

FILIPE

Antes um meio.

D. LUÍSA

Não quero; há de ser um quarto.

FILIPE

Aqui tem. (*A meia voz*) E pede esmolas!...

(*Entra uma menina de realejo que pede a gorjeta com um pandeiro*)

D. LUÍSA

Sai-te, vadia! A polícia não olha para estas coisas.

FILIPE

É verdade; não sei para que servem as autoridades.

D. LUÍSA

Deixam as pessoas honestas serem perseguidas por esta súcia de mendigos...

FILIPE

Que não têm profissão.

(Saem à direita; Júlia, D. Mariana e Braga entram do interior da loja)

CENA XVI

Júlia, D. Mariana, Braga.

(Braga traz uma caixa de corte de vestido)

D. MARIANA

São muito bonitos os vestidos; você soube-os escolher, Júlia.

BRAGA

A senhora tem muito bom gosto.

JÚLIA

Mande deixar isto no meu carro.

BRAGA

Vou eu mesmo. *(Sai pelo fundo)*

CENA XVII

Ernesto, Júlia, D. Mariana.

ERNESTO (*entrando à direita todo enlameado*)
Bonito!... Estou fresco.

D. MARIANA (*rindo*)
Ah! ah! ah!

JÚLIA
O que é isto, Ernesto?

ERNESTO
O que vê, prima. A sua Rua do Ouvidor pôs-me neste estado miserável! Uma maldita carroça! Estúpidos que não olham para quem passa!

JÚLIA (*sorrindo*)
Foi uma vingança, primo; o senhor acabava de dizer mal do Rio de Janeiro.

ERNESTO
E não tinha razão? Uma cidade de lama! Felizmente já mandei tomar a minha passagem.

(*Entra Teixeira*)

JÚLIA
Como! Sempre vai amanhã?

ERNESTO
Que dúvida! E até por segurança embarco hoje mesmo.

CENA XVIII

Os mesmos, Teixeira.

TEIXEIRA
Que é isto! Falas em embarcar. Para onde vais?

ERNESTO

Volto para São Paulo, meu tio.

JÚLIA

Veio-lhe agora esta ideia! Diz que não gosta da corte, que é uma terra insuportável...

D. MARIANA

Um inferno!

TEIXEIRA

Caprichos de rapaz! Não há cidade como o Rio de Janeiro. É verdade que já não é o que foi. Bom tempo, o tempo das trovoadas. Que diz, D. Mariana?

D. MARIANA

Tem razão, Sr. Teixeira.

ERNESTO

Faço ideia! Se sem as tais trovoadas estou neste estado!

TEIXEIRA

Não sabes o que dizes. As trovoadas é que nos preservam da febre amarela, do cólera e de todas essas moléstias que nos perseguem agora.

ERNESTO

Não quero contrariá-lo, meu tio; a sua corte é bela, é magnífica, com ou sem trovoadas. Mas eu por causa das dúvidas vou admirá-la de longe.

JÚLIA

Já tomou passagem, papai; vai amanhã.

TEIXEIRA (*a Ernesto*)

Pois não! Julgas que consinto nessa loucura! Em falta de meu irmão, teu pai, eu faço as suas vezes. Proíbo-te expressamente...

ERNESTO

Meu tio, é impossível, moralmente impossível...

TEIXEIRA

Tá, tá, tá! Não me entendo com os teus palavrões de Academia. Eu cá sou homem do pão, pão, queijo, queijo: disse que não irás e está dito.

JÚLIA

Muito bem, papai. (*A Ernesto*) Não tem remédio senão ficar.

D. MARIANA

E não se há de arrepender.

ERNESTO

Meu tio, previno-lhe que se me obriga a ficar nesta terra, suicido-me.

JÚLIA

Ah! Ernesto!

D. MARIANA

Que rapaz cabeçudo!

TEIXEIRA

Fumaças! Não façam caso.

ERNESTO

Ou me suicido, ou mato o primeiro maçante que vier importunar-me.

TEIXEIRA

Lá isto é negócio entre ti e a polícia. (*Tira o relógio*) Quase três horas! Vamos D. Mariana, Júlia... Ande, senhor recalcitrante, há de jantar hoje conosco.

JÚLIA (*a Ernesto*)

Bravo! Estou contente, vou vingar-me.

ERNESTO (*Enquanto os outros se dirigem à porta*)

Três meses nesta terra! Meus três meses de férias do quinto ano, que eu contava fossem três dias de prazer! Vão ser três séculos de aborrecimento.

JÚLIA (*da porta*)

Ernesto, venha.

ERNESTO

Lá vou, prima! (*Vai sair e encontra Custódio que entra*)

CENA XIX

Ernesto, Custódio.

CUSTÓDIO (*cumprimentando*)

Como tem passado? Que há de novo?

ERNESTO (*ao ouvido*)

Que não estou disposto a aturá-lo. (*Sai*)

(*Custódio fica pasmo no meio da cena; cai o pano*)

ATO II

Uma sala elegante em casa de Teixeira, nas Laranjeiras. (Abrindo sobre um jardim).

CENA I

Júlia, D. Mariana.

(D. Mariana lê os jornais junto à mesa)

JÚLIA *(entrando)*

Ernesto ainda não acordou?

D. MARIANA

Creio que não.

JÚLIA

Que preguiçoso! Nem por ser o último dia que tem de passar conosco. Às onze horas deve embarcar. *(Olhando a pêndula)* Ah! meu Deus já são nove! Vou acordá-lo!... Sim; ele disse-me ontem que era um dos seus maiores prazeres acordar ao som do meu piano, quando eu estudava minha lição.

D. MARIANA

Não tem mau gosto.

JÚLIA

Obrigada!... Mas qual é a música de que ele é mais apaixonado? Ah! a ária da Sonâmbula! *(Abre o piano e toca)*

CENA II

Os mesmos, Ernesto.

ERNESTO *(aparecendo à direita)*

Sinto não ser poeta, minha prima, para responder dignamente a um tão amável bom dia. Como passou, D. Mariana?

D. MARIANA

Bem; e o senhor?

JÚLIA *(levantando-se)*

Ah! já estava acordado!

(Apertam as mãos)

ERNESTO

Há muito tempo; aproveitei a manhã para fazer uma porção de despedidas que me faltavam. Não se lembra que hoje é sábado?

JÚLIA (*entristecendo*)

É verdade; daqui a pouco...

ERNESTO

Quis ficar livre para gozar dessas duas últimas horas que devemos passar juntos. Fui a Botafogo, a São Clemente, e ainda voltei à cidade.

JÚLIA

Tudo esta manhã?

ERNESTO

Sim; admira-se? Oh! no Rio de Janeiro pode-se fazer isto. Com essa infinidade de carros sempre às ordens!...

JÚLIA (*sorrindo*)

E que atropelam a gente que anda nas ruas.

ERNESTO

Aqueles que andam a pé; mas os que vão dentro, vão depressa e comodamente.

D. MARIANA (*erguendo-se*)

Estimo muito ouvir isto do senhor.

(*Júlia faz à D. Mariana sinal de silêncio*)

ERNESTO

Por que, D. Mariana?

JÚLIA (*a Ernesto*)

Até logo; agora não tem mais despedidas a fazer.

ERNESTO

Por isso mesmo não deve deixar-me.

JÚLIA

Vou dar algumas ordens; volto já. Uma dona de casa tem obrigações a cumprir, sobretudo quando deve fazer as últimas honras a um hóspede que vai deixá-la. Não me demoro.

ERNESTO

Olhe lá!...

JÚLIA (*sorrindo*)

Um minuto! (*Sai*)

CENA III

Ernesto, D. Mariana.

ERNESTO

Que graça e elegância ela tem nos seus menores movimentos; e ao mesmo tempo que simplicidade!... Oh! não há como as moças do Rio de Janeiro para fazerem de um nada, de uma palavra, de um gesto, um encanto poderoso! Seu espírito anima tudo; onde elas se acham tudo brinca, tudo sorri, porque a sua alma se comunica a todos os objetos que as cercam.

D. MARIANA

Que entusiasmo!

ERNESTO

E não é justo, D. Mariana?

D. MARIANA

Certamente!

(*Uma pausa*)

ERNESTO

Como passaram rápidos estes três meses! Pareceram-me um sonho!

D. MARIANA

Sim?

ERNESTO

Oh! tenho-os impressos na memória hora por hora, instante por instante. De manhã os sons prazenteiros do piano de Júlia acordavam-me no fim de um sono tranquilo. Daí a um instante uma xícara de excelente chocolate confortava-me o estômago, condição essencial para a poesia.

D. MARIANA

Ah! Não sabia...

ERNESTO

Pois fique sabendo, D. Mariana. Esses poetas que se alimentam de folhas de rosas, têm a imaginação pobre e raquítica. Pouco depois dava um passeio com Júlia pelo jardim, apanhávamos juntos flores para os vasos, eu escolhia a mais linda para os seus cabelos, e assim passávamos o tempo até a hora do almoço, em que meu tio ia para a cidade tratar dos seus negócios na Praça... Bela instituição esta da Praça do Comércio! Foi criada expressamente para que os pais e maridos deixassem as suas filhas e mulheres livres, sob pretexto de tratar dos negócios. A princípio aborreceu-me...

D. MARIANA

E agora?

ERNESTO

Agora compreendo as suas imensas vantagens.

D. MARIANA

Ora, Sr. Ernesto, já vê que as velhas do Rio de Janeiro têm sempre algum préstimo.

ERNESTO

Que quer dizer, D. Mariana?

D. MARIANA

Quero dizer que uma parenta velha que acompanha uma prima bonita serve não só para fazer-lhe companhia, como para receber as confidências de um primo apaixonado.

ERNESTO (*rindo*)

Ora!... Não tem razão!

D. MARIANA

Não se ria; é sério! (*Sobe*) Aí vem um moço que eu não conheço.

ERNESTO (*olhando*)

Ah! Henrique!

D. MARIANA

seu amigo? Deixo-lhe com ele. (*Sai*)

CENA IV

Ernesto, Henrique.

HENRIQUE (*entrando*)

Aqui me tens às tuas ordens. Como passas?

ERNESTO

Bem, meu amigo; peço-te desculpa do incômodo que te dei.

HENRIQUE (*com volubilidade*)

Qual incômodo! Recebi o teu bilhete, dizias que precisavas de mim; fiz o que farias. Vejamos; de que se trata?

ERNESTO

Desejava pedir-te um obséquo; mas tenho acanhamento; temo abusar da tua amizade.

HENRIQUE

Escuta, Ernesto. Nós aqui no Rio de Janeiro costumamos ser francos; quando um amigo precisa de outro, pede; se ele pode, satisfaz; se não, diz abertamente: e nem por isso deixam de estimar-se da mesma maneira.

ERNESTO

Tu me animas; vou dizer-te tudo.

HENRIQUE

É o meio de nos entendermos.

(Sentam-se)

ERNESTO

Sabes que ainda sou estudante, e por conseguinte não tenho grande abundância de dinheiro; vindo passar aqui as férias, julguei que a mesada que o meu pai me dava chegasse para as minhas despesas. Mas na corte são tantos os prazeres e divertimentos, que quanto se tenha, gasta-se; e gasta-se mesmo mais do que se tem. Foi o que me sucedeu.

HENRIQUE

Fizeste algumas dívidas? Não é isso?

ERNESTO

Justamente: procedi mal. Mas que queres? Encontrei no Rio de Janeiro uma coisa que eu não conhecia senão de nome — o crédito; hoje que experimentei os seus efeitos não posso deixar de confessar que é uma instituição maravilhosa.

HENRIQUE

Vale mais do que dinheiro!

ERNESTO

Decerto; é a ele que devo ter comprado o que precisava, sem mesmo passar pelo incômodo de pagar. Mas agora vou retirar-me para São Paulo, e não desejava que viessem incomodar meu tio, além de que seria desairoso para mim partir sem ter saldado essas contas.

HENRIQUE

Tens razão; um homem honesto pode demorar por necessidade o pagamento de uma dívida; mas não deve fugir de seu credor.

ERNESTO

Quis a princípio falar a meu tio, mas tive vergonha de tocar nisso; resolvi-me recorrer a ti.

HENRIQUE

Em quanto importam essas dívidas?

ERNESTO

Não chegam a cem mil-réis.

HENRIQUE

Ora! uma bagatela. (*Abre a carteira*) Aqui tens.

ERNESTO

Obrigado, Henrique, não fazes ideia do serviço que me prestas! Vou passar-te um recibo ou um vale...

HENRIQUE

Que lembrança, Ernesto! Não sou negociante; tiro-te de um pequeno embaraço; quando puderes me pagarás. Não há necessidade de papel e tinta em negócios de amizade.

ERNESTO

A tua confiança ainda mais me penhora. Entretanto mesmo para tranquilidade minha desejava...

HENRIQUE

Não falemos mais nisso. Quando embarcas?

ERNESTO

Hoje; daqui a duas horas.

HENRIQUE

Pois se não nos virmos mais, conta que aqui tens um amigo.

ERNESTO

Eu te escreverei.

HENRIQUE

Se é por simples atenção, não tomes esse incômodo; escreve-me quando precisares de qualquer coisa.

ERNESTO

Ora, graças a ti, estou livre de uma grande inquietação!... Mas quero confessar-te uma injustiça que cometi para contigo, e de que me acuso.

HENRIQUE

Como assim?

ERNESTO

Quando vi os moços aqui da corte, com seu ar de pouco caso, julguei que não passavam de espíritos levianos! Hoje reconheço que sob essa aparência frívola, há merecimento real e muita nobreza de caráter. Tu és um exemplo. A princípio, desculpa, mas tomei-te por um sujeito que especulava sobre a amizade para a emissão de bilhetes de benefício e de poesias inéditas!

HENRIQUE (*rindo-se*)

E mais é que às vezes assim é necessário! Não podemos recusar certos pedidos!.

CENA V

Os mesmos, Custódio.

CUSTÓDIO (*na porta*)

Muito bons dias tenham todos nesta casa.

ERNESTO (*a Henrique*)

Oh! Aí vem o nosso compadre como seu eterno que há de novo. (*A Custódio*) Bom dia, Sr. Custódio, como vai?

CUSTÓDIO (*desce*)

Bem, obrigado! Vai-se arrastando a vida enquanto Deus é servido. (*Aperta-lhe a mão*) Que há de novo?

ERNESTO (*rindo*)

Tudo é velho; ali estão os jornais, mas não trazem coisas de importância.

CUSTÓDIO

Conforme o costume. (*Voltando a Henrique*) Tem passado bem? Que há...

HENRIQUE

Nada, Sr. Custódio, nada absolutamente.

(*Custódio vai sentar-se à mesa e lê os jornais*)

ERNESTO (*a Henrique*)

Nas províncias não se encontra essa casta de bípedes implumes, que vivem absorvidos com a política, esperando antes de morrer ver realizada uma espécie de governo que sonharam e que se parece com a república de Platão!... Eis o verdadeiro tipo da raça desses fósseis da Independência e do Sete de Abril. Cinquenta anos de idade, empregado aposentado, bengala, caixa de rapé e gravata branca. Não tem outra ocupação mais do que ler os jornais, perguntar o que há de novo e queixar-se da imoralidade da época.

HENRIQUE (*rindo*)

Serviam outrora para parceiro de gamão nas boticas.

CUSTÓDIO (*lendo*)

Oh! Cá temos um artiguinho da oposição!... Começa! Já era tempo!
Com este ministério não sei onde iremos parar.

ERNESTO (*a Henrique*)

Agora ei-lo ferrado com o tal artigo! Bom homem! Quando eu queria conversar com Júlia, nós o chamávamos sempre. Assim éramos três, e ao mesmo tempo estávamos sós; porque, agarrando-se a um jornal, não ouve, fica cego. Podia apertar a mão de minha prima que ele não percebia!

HENRIQUE

Esta habilidade não sabia que eles tinham.

ERNESTO

Pois recomendo-te!

HENRIQUE

Fica ao meu cuidado. Adeus; dá cá um abraço; até a volta.

ERNESTO (*abraça*)

Adeus, Henrique; lembra-te dos amigos. (*Quer segui-lo*)

HENRIQUE

Não te incomodes. (*Sai*)

CENA VI

Ernesto, Custódio, Teixeira, Júlia.

CUSTÓDIO (*erguendo-se com o jornal na mão*)

Isto é desaforo!... Como é que um governo se anima a praticar semelhantes coisas na capital do império?

(Teixeira e Júlia têm entrado enquanto fala Custódio)

TEIXEIRA

Que é isto, compadre! Por que está tão zangado? (*A Ernesto*) Ernesto, como passaste a noite?

ERNESTO

Bem, meu tio.

CUSTÓDIO (*mostrando o jornal*)

Pois não leu? Criou-se uma nova repartição! Um bom modo de arranjar os afilhados! No meu tempo havia menos empregados e trabalhava-se mais. O Real Erário tinha dezessete, e fazia-se o serviço perfeitamente!

(*Júlia senta-se na conversadeira*)

TEIXEIRA

Que quer, compadre? É o progresso.

CUSTÓDIO

O progresso da imoralidade.

(*Teixeira toma um jornal sobre a mesa; Custódio continua a ler; Ernesto aproxima-se de Júlia*)

ERNESTO

Um minuto!... Foi um minuto com privilégio de hora!

JÚLIA (*sorrindo*)

Acha que me demorei muito?

ERNESTO

Inda pergunta! E agora aí está meu tio, não teremos um momento de liberdade!

JÚLIA

Sente-se! Podemos conversar.

ERNESTO (*sentando-se*)

Preferia que conversássemos sem testemunhas!

JÚLIA

Tenha paciência, não é culpa minha.

ERNESTO

É de quem é, Júlia? Se não se demorasse!

(*Entra Augusto*)

CENA VII

Os mesmos, Augusto.

AUGUSTO (*entrando*)

Com licença!

TEIXEIRA

Oh! Sr. Augusto!

AUGUSTO (*à Júlia*)

Minha senhora! (*a Ernesto e Custódio*) Meus senhores! (*A Teixeira*)
Como passou de ontem, Sr. Teixeira? Peço desculpa da hora
imprópria...

(*Ernesto levanta-se e passa ao outro lado*)

TEIXEIRA

Não tem de que. Estou sempre às suas ordens.

AUGUSTO

Como me disse que talvez não fosse hoje à cidade...

TEIXEIRA

Sim; por causa de meu sobrinho que embarca às onze horas.

AUGUSTO

Assentei de passar por aqui, para saber o que decide sobre aquelas cem ações. Talvez hoje tenham subido, mas em todo o caso, não é bom fiar. Se quer o meu conselho — Estrada de Ferro — Estrada de Ferro — e largue o mais. Rua do Cano, nem de graça! Seguros estão em completa oscilação.

TEIXEIRA

O senhor pode demorar-se cinco minutos?

AUGUSTO

Como? Mais que o senhor queira; apesar de que são quase dez horas, e às onze devo fechar uma transação importante. Mas temos tempo...

TEIXEIRA

Pois então faça favor; passemos ao meu gabinete; quero incumbir-lhe de uns dois negócios que podem ser lucrativos.

AUGUSTO

Vamos a isso! (*Cumprimentando*) Minha senhora! Meus senhores! (*A Teixeira, dirigindo-se ao gabinete*) É sobre estradas de ferro?

(*Saem, Ernesto aproxima-se de Júlia*)

CENA VIII

Ernesto, Custódio, Júlia.

CUSTÓDIO

Estrada de ferro! Outra mania! No meu tempo viajava-se perfeitamente daqui para Minas, e as estradas eram de terra. Agora querem de ferro! Naturalmente para estragar os cascos dos animais.

ERNESTO

Tem razão, Sr. Custódio, tem toda a razão!

JÚLIA (*a meia voz*)

Vá, vá excitá-lo, depois não se queixe, quando armar uma das suas questões intermináveis.

ERNESTO

É verdade! Mas fiquei tão contente, quando meu tio saiu, que não me lembrei que estávamos sós. (*Senta-se*) Diga-me uma coisa, prima; que profissão tem este Sr. Augusto?

JÚLIA

É um zangão!

ERNESTO

Estou na mesma. Que emprego é esse?

JÚLIA (*sorrindo*)

Eu lhe explico. Quando passeávamos pelo jardim, não se lembra que às vezes parávamos diante dos cortiços de vidro que meu pai mandou preparar, e escondidos entre as folhas levávamos horas e horas a ver as abelhas fabricarem os seus favos?

ERNESTO

Lembro-me; e por sinal que uma tarde uma abelha fez para mim um favo de mel mais doce do que o seu mel de flores. Tomou a sua face por uma rosa, quis mordê-la; a senhora fugiu com o rosto, mas eu que nunca volto a cara ao perigo, não fugi... com os lábios.

JÚLIA (*confusa*)

Está bom, primo! Ninguém perguntou-lhe por esta história! Se quer que lhe acabe de contar, cale a boca.

ERNESTO

Estou mudo como um governista. Vamos ao zangão!

JÚLIA

Enquanto estávamos embebidos a olhar aquele trabalho delicado, víamos um besouro parecido com uma abelha, que entrava disfarçado no cortiço; e em vez de trabalhar, chupava o mel já fabricado. Não via?

ERNESTO

O que eu me recordo ter visto perfeitamente eram dois olhozinhos travessos...

JÚLIA (*batendo o pé*)

Via sim; eu lhe mostrei muitas vezes.

ERNESTO

Está bom! Já, que deseja, confesso que via; via com seus olhos!

JÚLIA

Pois suponha que a Praça do Comércio é uma colmeia: e que o dinheiro é um favo de mel. Este sujeito que saiu daqui é o besouro disfarçado, o zangão. Os corretores arranjam as transações, dispõem os negócios; vem o zangão e atravessa os lucros.

ERNESTO

Compreendo agora o que é o zangão; é uma excelente profissão para quem não tem nada que fazer, e demais bastante útil para a sociedade.

JÚLIA

Útil em quê?

ERNESTO

Oh! Se não fosse ele, ficaríamos sós? Se não fosse ele, meu tio estaria ainda aqui, querendo por força provar-me que a desgraça dos fluminenses provém de não haver mais trovoadas! Querendo convencer-me que as maravilhas do Rio de Janeiro são a laranja seleta, o badejete, a farinha de Suruí e a água da Carioca! Sim! É uma profissão muito útil! Aconselharei a todos os meus amigos que desejarem seguir o comércio, se façam zangãos da praça!...

JÚLIA

Então é nisso que está a grande utilidade...

ERNESTO

Mas seriamente, prima; essa profissão fácil e lucrativa é uma carreira aberta à mocidade, que pretenda seguir a vida comercial.

CUSTÓDIO

Vou até a cidade! Já passaria o ônibus das dez?

JÚLIA

Não sei, Sr. Custódio; mas o senhor não almoça conosco?

CUSTÓDIO (*erguendo-se*)

Almoçar a esta hora! Obrigado! Sr. Ernesto, boa viagem!

ERNESTO (*apertando-lhe a mão*)

Adeus, Sr. Custódio.

CUSTÓDIO

Dê-nos notícias suas. Sem mais... D. Júlia! (*Sai*)

CENA IX

Ernesto, Júlia.

(Ernesto vem sentar-se na conversadeira junto da Júlia; ambos estão confusos)

JÚLIA (*erguendo a cabeça*)

Então, meu primo, ainda não me disse se leva saudades do Rio de Janeiro?

ERNESTO

É preciso que lhe diga, Júlia!

JÚLIA

Naturalmente não sente deixar a corte; não achou aqui atrativos que o prendessem; viu uma grande cidade, é verdade; muita gente, muita casa, muita lama.

ERNESTO

Sim, mas no meio desse vasto montão de edifícios, encontra-se aqui e ali um oásis magnífico, onde a vida é um sonho, um idílio; onde nada falta para a comodidade da existência e o gozo do espírito; onde apenas se forma um desejo, ele é logo satisfeito. Vi alguns desses paraísos terrestres, minha prima, e vivi três meses em um deles, aqui nas Laranjeiras, nesta casa...

JÚLIA

Não exagere, não é tanto assim; há algumas casas bonitas, com efeito, mas a cidade em si é insuportável; não se pode andar pelas ruas sem ver-se incomodado a cada momento pelas carroças, pelos empurrões dos que passam.

ERNESTO

Que tem isso? Essa mesma confusão tira a monotonia do passeio. Demais, quando se anda pela Rua do Ouvidor, como andamos tantas vezes, todos esses contratemplos são prazeres. O susto de um carro faz com que a moça que nos dá o braço se recline sobre nós; um sujeito que impede a passagem dá um pretexto para que se pare e se torne o passeio mais longo.

JÚLIA

Ao menos não negará uma coisa; e é que temos uma verdadeira praga aqui no Rio de Janeiro.

ERNESTO

Qual, prima?... Não sei.

JÚLIA

Os benefícios.

ERNESTO

Não diga isso, Júlia. Que coisa mais bela, do que as pessoas que vivem na abundância protegerem divertindo-se aqueles que necessitam e são pobres! O prazer eleva-se à nobreza da virtude; o dinheiro que o rico desperdiça para satisfazer os seus caprichos, transforma-se em oferta generosa, mas nobremente disfarçada, que anima o talento do artista e alivia o sofrimento do enfermo; a caridade evangélica torna-se uma instituição social. Não; não tem razão, prima! Esses benefícios, que a senhora censura, formam um dos mais belos títulos do Rio de Janeiro, o título de cidade generosa e hospitaleira.

JÚLIA

Não sei por que, meu primo, o senhor vê tudo, agora, de bons olhos. Por mim, confesso-lhe que, apesar de ser filha daqui, não acho na corte nada que me agrade. O meu sonho é viver no campo; a corte não tem seduções que me prendam.

ERNESTO

Ora, Júlia, pois realmente não há no Rio de Janeiro nada que lhe agrade?

JÚLIA

Nada absolutamente. Os passeios nos arrabaldes são um banho de poeira; os bailes, uma estufa; os teatros, uma sensaboril.

ERNESTO

Como se diz isto, meu Deus! Pode haver coisa mais linda do que um passeio ao Corcovado, donde se vê toda esta cidade, que merece bem o nome que lhe deram de princesa do vale? Pode haver nada de mais encantador do que um baile no Clube? Que noites divertidas não se passa no Teatro Lírico, e mesmo no Ginásio, onde fomos tantas vezes?

JÚLIA

Fui por prazer, e não por gostar. Acho tudo isto tão insípido! Mesmo as moças do Rio de Janeiro...

ERNESTO

Que têm?

JÚLIA

Não são moças. São umas bonecas de papelão, uma armação de arames.

ERNESTO

Mas é a moda, Júlia. Que remédio têm elas senão usar? Hão de fazer-se esquisitas? Demais, prima, quer que lhe diga uma coisa? Essas saias balões, cheias de vento, têm uma grande virtude.

JÚLIA

Qual é?

ERNESTO

Fazer com que um homem acredite mais na realidade e não se deixe levar tanto pelas aparências.

JÚLIA

Não o entendo; é charada.

ERNESTO

Ora! Está tão claro! Quando se dá a um pobre um vintém de esmola, ele recebe e agradece; mas, se lhe derem uma moeda que pareça ouro, desconfiará. Pois o mesmo me sucede com a moda. Quando vejo uma crinolina, digo com os meus botões — "é mulher ou pode ser". Quando vejo um balão, não tem dúvida. — "é saia, e saia unicamente!"

JÚLIA (*rindo*)

Pelo que vejo, não há nada no Rio de Janeiro, ainda mesmo o que é ruim, que não tenha um encanto, uma utilidade para o senhor, meu primo? Na sua opinião é uma terra excelente.

ERNESTO

Diga um paraíso, um céu na terra! (*Júlia dá uma gargalhada*). De que ri-se, Júlia?

JÚLIA (*rindo-se*)

Muito bem! Eis onde eu queria chegar. Há três meses, no primeiro dia em que veio morar conosco, tivemos uma conversa perfeitamente igual a esta; com a diferença que então os papéis estavam trocados; o senhor achava que o Rio de Janeiro era um inferno.

ERNESTO

Não me fale desse tempo! Não me lembro dele! Estava cego!

JÚLIA

Bem; o que eu desejava era vingar a minha terra. Estou satisfeita: esqueço tudo o que houve entre nós.

ERNESTO

Como! Que diz, Júlia? Não, é impossível! Esses três meses que se passaram, esses três meses de felicidade, foi apenas uma vingança de sua parte?

JÚLIA

Apenas.

ERNESTO (*despeitado*)

Oh! Obrigado, prima.

JÚLIA

Não tem de que, meu primo; jogamos as mesmas armas; o senhor ganhou a primeira partida, eu tomei a minha desforra.

ERNESTO

Eu ganhei a primeira partida! De que maneira? Acreditando na senhora.

JÚLIA

Fazendo que eu chegasse a aborrecer o meu belo Rio de Janeiro, tão cheio de encantos; que achasse feio tudo quanto me agradava; que desprezasse os meus teatros, as minhas modas, os meus enfeites, tudo para.

ERNESTO

Para... Diga, diga, Júlia!

JÚLIA

Tudo para satisfazer um capricho do senhor; tudo por sua causa!
(*Foge*)

ERNESTO

Ah! perdão... A vingança foi doce ainda; mas agora vou sofrer uma mais cruel. Oito meses de saudade e ausência!

JÚLIA

Para quem tem uma memória tão fraca... Adeus! (*Vai sair*) Adeus!

ERNESTO

Ainda uma acusação.

JÚLIA

E se fosse um receio! (*Sai de repente*)

ERNESTO (*seguindo-a*)

Júlia! Escute, prima! (*Sai*)

CENA X

Augusto, D. Luísa.

AUGUSTO (*na porta, a Teixeira*)

Sim, senhor; pode contar que hoje mesmo fica o negócio concluído! Vou hoje à praça. Quinze e quinhentos, o último. (*Dirige-se à porta e encontra-se com D. Luísa que entra*)

D. LUÍSA

O senhor faz obséquio de ver este papel?

AUGUSTO

Ações?... De que companhia? Estrada de ferro? Quantas? A como?
Hoje baixaram. (*Abre o papel*)

D. LUÍSA

Qualquer coisa me serve! Pouco mesmo! Oito filhinhos...

AUGUSTO

Uma subscrição!... (*Entregando*) Não tem cotação na praça.

D. LUÍSA

Uma pobre viúva...

AUGUSTO

É firma que não se desconta. Com licença!

D. LUÍSA

Para fazer o enterro de meu marido! A empresa funerária...

AUGUSTO

Não tenho ações desta empresa; creio mesmo que ainda não foi aprovada. Naturalmente alguma especulação... Passe bem! (*Sai*)

CENA XI

D. Luísa, Teixeira.

TEIXEIRA (*atravessando a sala*)

Hoje não nos querem dar almoço.

D. LUÍSA

Senhor Teixeira!

TEIXEIRA (*voltando-se*)

Viva, senhora.

D. LUÍSA

Vinha ver se me podia dar alguma coisa!

TEIXEIRA

Já? Pois acabou-se o dinheiro que lhe dei?

D. LUÍSA

O pecurrucho faz muita despesa! É verdade que o senhor não tem obrigação de carregar com elas! Mas seu amigo, o pai da criança não se importa.

TEIXEIRA

Quem lhe diz que não se importa? Tem família, deve respeitar as leis da sociedade; demais, sabe que eu tomei isto a mim.

D. LUÍSA

Sim, Senhor.

TEIXEIRA

Espere; vou dar-lhe dinheiro.

CENA XII

Ernesto, D. Luísa.

ERNESTO (*entra sem ver D. Luísa*)

Oito meses sem vê-la!

D. LUÍSA (*adianta-se*)

Vossa senhoria ainda não leu este papel.

ERNESTO (*voltando-se*)

Já vi a senhora... Sim e por sinal que... Pode guardar o seu papel; sei o que ele contém; uma história de oito filhinhos.

D. LUÍSA

Nus os pobrezinhos, sem ter o que comer.

ERNESTO

Não me logra segunda vez.

D. LUÍSA

Mas vossa senhoria talvez precise de uma pessoa...

ERNESTO

Onde mora a senhora?

D. LUÍSA

Rua da Guarda Velha nº 175; se o senhor deseja alguma comissão, algum recado... estou pronta.

ERNESTO

Diga-me; se eu lhe mandasse de São Paulo por todos os vapores uma carta para entregar a uma moça, dentro de uma sua, a senhora entregava?

D. LUÍSA

Ora, na carreira; contanto que a carta de dentro viesse com o porte pago.

ERNESTO

Há de vir; um bilhete de 5\$000.

D. LUÍSA

Serve; pode mandar.

ERNESTO

Pois então está dito; deixe-me tomar a sua morada.

D. LUÍSA

Não precisa; leve esse papel.

ERNESTO

E a senhora fica sem ele?

D. LUÍSA

Tenho outro. (*Tira do bolso rindo*) Essa história de viúva já está muito velha, agora sou mulher de um entrevado

ERNESTO

Que mulher impagável! Isto só se encontra aqui no Rio de Janeiro. Oh! agora! Posso escrever-lhe a Júlia.

(*Entra Júlia*)

CENA XIII

Os mesmos, Júlia, depois Teixeira.

ERNESTO (*à Júlia*)

Sabe? Estou alegre.

JÚLIA

Por quê?

ERNESTO

Achei uma maneira de escrever-lhe de São Paulo sem que meu tio saiba.

JÚLIA

Oh! não, meu primo! Não posso receber!...

ERNESTO

Mas então quer que passemos oito meses sem ao menos trocar uma palavra.

JÚLIA

Se houvesse outro meio...

ERNESTO

Que melhor do que uma carta inocente?...

JÚLIA

Sem consentimento de meu pai?... Não!

ERNESTO

Então eu falo a meu tio logo de uma vez, e está acabado. Quer?

JÚLIA

Não sei. Faça o que entender.

ERNESTO

Espere! Mas não sei como hei de dizer-lhe isto. (*Entra Teixeira e dá dinheiro a Luísa*)

TEIXEIRA

Aqui tem, creio que isto é suficiente para um mês; portanto não me apareça antes.

D. LUÍSA

Sim, senhor, obrigada. (*A Júlia*) Minha senhora! (*Baixo, a Ernesto, cumprimentando*) O dito, dito.

ERNESTO

Sim. (*Sai Luísa*)

CENA XIV

Teixeira, Ernesto, Júlia.

JÚLIA

Não sei, papai, por que ainda dá dinheiro a esta velha. É uma vadia!

TEIXEIRA

Uma pobre mulher! Para que Deus deu aos abastados senão para desperdiçar como os que não têm?

ERNESTO

Se o senhor compromete-se a fazer aceitar esta teoria, meu tio, declaro que me inscrevo no número dos pobretões.

TEIXEIRA

Já mandaste deitar o almoço, Júlia?

JÚLIA

Já dei ordem, papai.

TEIXEIRA

Ernesto precisa almoçar quanto antes, pois não lhe resta muito tempo para embarcar.

JÚLIA

Não é às onze horas?

TEIXEIRA

Sim, e já são dez. (*Sobe*)

ERNESTO (*baixo, a Júlia*)

Não a deixo senão no último momento; hei de aproveitar um minuto.

JÚLIA (*baixo, a Ernesto*)

Um minuto nessas ocasiões vale uma hora.

TEIXEIRA (*descendo*)

Agora, Ernesto, tão cedo não te veremos por cá!

ERNESTO

Daqui a oito meses estou de volta, meu tio.

TEIXEIRA

Pois não! Teu pai, na última carta que me escreveu, disse que estava arrependido depois que consentira em que viesses ao Rio, e que pelo gosto dele não voltarás tão cedo. Queixa-se porque tens gasto muito!

JÚLIA
Ah!

ERNESTO
Meu pai disse isto?

TEIXEIRA
Posso mostrar-te a carta.

ERNESTO
Paciência. Ele está no seu direito.

TEIXEIRA
Agora é tratares de te formar, e ganhar uma posição; poderás fazer o que te aprouver. (*Sobe*) Nada de almoço.

JÚLIA (*baixo*)
Quando nos veremos!

ERNESTO
Quem sabe! Talvez meu pai...

ERNESTO (*com ironia*)
É muito para esperar, não é, prima?

JÚLIA (*sentida*)
Não, Ernesto; mas é muito para sofrer!

CENA XV

Os mesmos, Felipe.

FILIPE (*entra na carreira e faz um grande barulho*)

Alvíssaras! Alvíssaras! Número 1221! Sorte grande! Premiado!
Alvíssaras! Número 1221!

TEIXEIRA

Que louco é este?

ERNESTO

Está danado!

FILIPE

Enganado, não! Número 1221! Sorte grande!

TEIXEIRA

O que quer o senhor?

FILIPE

As minhas alvíssaras!

TEIXEIRA

Mas pelo quê? Explique-se.

FILIPE

Pelo bilhete que vendi ao senhor (*aponta para Ernesto*) e que saiu premiado.

ERNESTO

A mim? É engano.

FILIPE

Engano! Não é possível! Ontem, na Rua do Ouvidor, em casa do Wallerstein; por sinal que o senhor estava comprando uns corais, justamente aqueles! (*Aponta para o colo de Júlia, a qual volta-se confusa*)

ERNESTO

Tem razão, nem me lembrava; deve estar na carteira. Ei-lo! Número mil duzentos...

FILIPE

E vinte e um! Não tem que ver!, é o mesmo. Não me engano nunca!

ERNESTO

Assim, este papel... eu tirei?...

FILIPE

A sorte grande... É meio bilhete! Pertencem-lhe nove contos e duzentos!

ERNESTO

Nove contos! Sou rico! Tenho dinheiro para vir ao Rio de Janeiro, ainda que meu pai não consinta.

TEIXEIRA

Agora vai gastá-los em extravagâncias!

ERNESTO

Pois não! Servirão para me estabelecer aqui; montar minha casa. Quero uma linda casinha como esta, um retiro encantador, onde a vida seja um sonho eterno! (*A Júlia, baixo*) Onde recordaremos os nossos três meses de felicidade!

TEIXEIRA

Vamos; despacha este homem.

ERNESTO

Tome, meu tio; tome o bilhete e arranje isto como entender. Vossa mercê me guardará o dinheiro.

(Teixeira e Filipe saem; Teixeira examina o bilhete)

JÚLIA (*a Ernesto*)

Como a felicidade vem quando menos se espera! Há pouco tão tristes!

ERNESTO

É verdade! E se soubesse como isto me caiu do céu! Nem me passava pela ideia semelhante coisa, quando este homem começou a importunar-me de tal maneira, que tomei-lhe o bilhete para ver-me livre da maçada. É só a ele que devo a fortuna.

JÚLIA (*sorrindo*)

Eis então mais uma vantagem do Rio de Janeiro.

ERNESTO (*sorrindo*)

Tem razão!

TEIXEIRA (*a Filipe, dando-lhe dinheiro*)

Tome; como alvíssaras, basta.

FILIPE

Obrigado! (*Desce a cena, a Ernesto*) Então, um meio, um inteiro, um quarto? Enquanto venta, molha-se a vela.

ERNESTO

Agradeço; não sou ambicioso. Quero deixar a sorte grande também para os outros.

FILIPE

E a senhora? E a senhora e o senhor?... Um meio?... Tenho justamente o número premiado.

TEIXEIRA

Nada, nada; já compramos!

FILIPE

As suas ordens. (*Sai*)

CENA XVI

Teixeira, Ernesto, Júlia.

TEIXEIRA

Ora, enfim, vamos almoçar.

ERNESTO

Espere, meu tio, tenho uma palavra a dar-lhe.

TEIXEIRA

Pois então já; uma palavra custa pouco a dizer.

ERNESTO (*baixo, a Júlia*)

Sim! Porém, a mim custa mais do que um discurso!

JÚLIA (*baixo a Ernesto*)

Que vai fazer? Ao menos deixe-me retirar.

ERNESTO (*baixo, a Júlia*)

Para quê?

JÚLIA (*baixo, a Ernesto*)

Morro de vergonha.

TEIXEIRA

Então? a tal palavra? Estão combinados? Tu sabes o que é, Júlia?

JÚLIA (*vexada*)

Eu, papai!... Não, senhor.

TEIXEIRA

Ora, tu sabes! Ficaste corada.

JÚLIA

Foi porque Ernesto riu-se.

TEIXEIRA (*a Ernesto*)

Falas ou não?

ERNESTO

Tenho a palavra aqui atravessada na garganta! Lá vai!

TEIXEIRA

Ainda bem! O que é?

ERNESTO

Escute, meu tio. Eéééé...

TEIXEIRA

É...

ERNESTO

Queêêêê...

TEIXEIRA

Já vejo que é preciso ajudar-te! É que...

ERNESTO

Euuu... (*Júlia faz sinal que não*) Quero...

TEIXEIRA

Ah! Queres brincar? Pois não estou para te aturar. (*Sobe*)

CENA XVII

Os mesmos, D. Mariana, depois Pereira.

D. MARIANA (*entrando*)

Então, por quem se espera? São quase dez horas.

TEIXEIRA

Vamos, D. Mariana.

ERNESTO (*a Júlia, baixo*)

Está tudo perdido.

PEREIRA

Permitam o ingresso. O Sr. Teixeira?

TEIXEIRA

Um seu criado. O que pretende o senhor?

PEREIRA

Tomei a liberdade de oferecer a vossa excelência esta minha produção poética por ocasião do fausto motivo que enche hoje esta casa de júbilo.

TEIXEIRA

Não tenho excelência; nem o compreendo. Queira explicar-se.

PEREIRA

Com muito gosto. A minha veia poética inspirou-me este epitalâmio que ofereço ao doce himeneu, às núpcias venturosas, ao feliz consórcio da senhora sua filha com o senhor seu sobrinho.

(Espanto geral)

JÚLIA *(escondendo o rosto)*

Ah!...

ERNESTO

Bravo!

D. MARIANA

Calúnias, Sr. Teixeira!

TEIXEIRA

O consórcio de minha filha com meu sobrinho!... O senhor está louco!

PEREIRA *(a Teixeira)*

É verdade que alguns espíritos mesquinhos chamam os poetas de loucos, porque não os compreendem; mas vossa excelência não está neste número.

TEIXEIRA

Entretanto, o senhor vem com um despropósito! Onde ouviu falar de casamento de minha filha?

PEREIRA

Há muito tempo sabia que o senhor seu sobrinho e a senhora sua filha se amam ternamente...

TEIXEIRA (*olhando Júlia e Ernesto, cabisbaixos*)

Se amam ternamente!... (*A Pereira*) É que tem isto? Quando mesmo fosse verdade, é natural; são moços, são primos...

PEREIRA

Por isso, sendo hoje um sábado, e não tendo vossa excelência ido à Praça, conjecturei que as bodas, a feliz união dos dois corações...

TEIXEIRA

Conjeturou mal; e para outra vez seja mais discreto em não intrometer-se nos negócios de família.

PEREIRA

É a poesia? vossa excelência não a recebe?

TEIXEIRA

Leve a quem a encomendou; ele que lhe pague! (*Voltando-lhe as costas*)

ERNESTO (*baixo, a Pereira*)

É justo que seja eu que aproveitei. O senhor não sabe o serviço que me prestou. (*Dando-lhe um bilhete*) Tome e safe-se quanto antes.

PEREIRA

Entendo!

ERNESTO (*a Júlia e D. Mariana*)

Sublime raça que é esta dos poetas! Sem o tal Sr. Pereira ainda estava engasgado com a palavra, e ele achou uma porção de

sinônimos: consórcio, feliz união, bodas, núpcias, himeneu e não sei que mais...

PEREIRA (*a Teixeira*)

Peço a vossa excelência queira desculpar.

TEIXEIRA

Está bom, senhor, não falemos mais nisto.

PEREIRA

Passar bem. (*Sai*)

CENA XVIII

Teixeira, Ernesto, Júlia, Mariana, depois Custódio.

(Teixeira acompanha Pereira que sai pelo fundo)

JÚLIA (*a D. Mariana*)

Não tenho ânimo de olhar para meu pai!

D. MARIANA

Ele não foi moço? Não amou?

(Teixeira desce)

ERNESTO

Aí vem o temporal desfeito.

TEIXEIRA

Com que então ama-se nesta casa; a gente de fora sabe; e eu sou o último a quem se diz...

ERNESTO

Perdão, meu tio, não tive ânimo de confessar-lhe.

TEIXEIRA

E tu, Júlia, que dizes a isto?

D. MARIANA (*a Júlia, baixo*)

Fale! Não tenha medo!

JÚLIA

Papai!...

TEIXEIRA

Percebo... Queres casar com teu primo, não é? Pois está feito!

JÚLIA

Ah!

D. MARIANA

Muito bem!

TEIXEIRA (*a Ernesto*)

Com uma condição, porém; não admito epitalâmios, nem versos de qualidade alguma.

ERNESTO

Sim, meu tio; tudo quanto o senhor quiser! Hoje mesmo podia ser...
É sábado...

TEIXEIRA

Alto lá, senhor estudante! Vá se formar primeiro e volte.

(*D. Mariana sobe e encontra-se com Custódio*)

ERNESTO

Oito meses!...

D. MARIANA (*a Custódio*)

Voltou?

CUSTÓDIO

Perdi o ônibus! O recebedor roeu-me a corda!

ERNESTO (*à Júlia*)

Esperar tanto tempo!

JÚLIA

Mas assim é doce esperar.

ERNESTO

Oito meses longe do Rio de Janeiro! Que martírio, meu Deus!

TEIXEIRA (*levantando-se*)

Vamos! O café já deve estar frio. (*Sobe e vê Custódio*) Oh! compadre!

CUSTÓDIO

Perdi o ônibus. Que há de novo?

TEIXEIRA

Que vamos almoçar.



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com